

# Notas para uma história da Revista *Contexto* (1992-2011): contribuições à formação em estudos literários no Espírito Santo (parte 1)

Maria Amélia Dalvi

Universidade Federal do Espírito Santo

*Para todos os que fizeram os mais de 20 anos  
de história da revista Contexto –  
“comprida história que não acaba mais”.*

RESUMO: Trata-se de um trabalho de mapeamento descritivo dos primeiros vinte números (1992-2011) da revista *Contexto*, periódico especializado da área de Letras, editado atualmente pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo. Produzem-se e sistematizam-se dados atinentes à responsabilidade institucional, à periodicidade, à identidade visual e material, à editoria e à revisão. Tem-se em vista contribuir com a história do livro, da leitura e da literatura no estado do Espírito Santo, entendendo-se a relevância do objeto em pauta para a área de Letras e, em particular, para a constituição da formação de docentes pesquisadores em Literatura no espaço-tempo em que o periódico em foco se institui.

PALAVRAS-CHAVE: História do impresso – revista brasileira. Revista *Contexto* – [Estado do] Espírito Santo. Formação de professores de Literatura. Formação de pesquisadores em Literatura.

ABSTRACT: This article relates a descriptive mapping of the first twenty numbers (1992-2011) of the *Contexto* journal; a periodic specialized in the area of Literature edited by the Literature Postgraduate program of the Universidade Federal do Espírito Santo. Data regarding the institutional responsibility, the periodicity, the visual and material identity, the editorship and the revision. The objective is to contribute to the history of the book, of the reading and of the literature in the state of Espírito Santo, considering the relevance of the object in question to the area of Literature and, specifically, to the constitution of the education of the Literature researching teachers within the space-time in which the aforementioned periodic is established.

KEYWORDS: History of Imprint – Brazilian Journal. *Contexto* Journal – [State of] Espírito Santo. Literature Teacher Education. Education of Researchers in Literature.

## 1. Considerações iniciais

Qualquer gesto em direção a uma história da revista *Contexto* não pode fazer-se senão contornando o desconhecimento de fontes bibliográficas que o antecedam nesse propósito. Desse modo, abrimos mão de uma sistemática revisão de literatura em direção à apresentação do mapeamento descritivo dos primeiros vinte números do periódico especializado aqui posto em questão – existente de 1992<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Localizamos uma separata de artigo do professor Luiz Busatto, intitulado “Literatura de massa”, em cuja capa aparece como título do impresso o nome “Contexto”, vinculado aos seguintes dados: “Departamento de Línguas e Letras” e “Ano 1, Número 2, Maio-1987”, fazendo supor que a revista *Contexto* teve existência anterior aos nú-

até o presente e atualmente editado pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) –, tomando como pontos nodais de interesse dados atinentes à responsabilidade institucional, à periodicidade, à identidade visual e material, à editoria e à revisão. Uma segunda parte desse trabalho, a ser publicada futuramente, põe sob lupa os dados relativos aos conselhos editoriais e consultivos, aos gêneros e temas abordados a cada número e à autoria dos textos.

Entendemos que a tentativa de tomar notas para uma história da revista *Contexto*, no período de vinte anos compreendido entre 1992 e 2011, partindo da fonte<sup>2</sup> com a qual lidamos (a saber, os dezoito volumes impressos correspondentes aos vinte primeiros números do periódico), deve considerar abandonar a pretensão de uma coincidência entre passado e explicação histórica que o sustenta como memória (CERTEAU, 1982; RICOEUR, 1994, 2007; VEYNE, 1998; WHITE, 2008), pois

---

meros 1 e 2 do *corpus* com o qual lidamos neste trabalho. A esse respeito, realizamos consulta por correio eletrônico a alguns professores já aposentados do Departamento de Línguas e Letras da Universidade Federal do Espírito Santo, instância institucional indicada na capa da separata como sendo responsável por essa edição de 1987; no entanto, não obtivemos resposta que nos permitisse elucidar a questão. Assim, como o periódico apresenta (também) como números 1 e 2 aqueles publicados em 1992, constituindo, a partir de então, uma história contínua de publicação de seus números, acatamos o ano em questão (1992) como sendo o de início oficial da revista *Contexto*; no entanto, a despeito da nossa opção metodológica, cumpre ressaltar que fichas catalográficas do periódico, elaboradas pelos bibliotecários Ana Maria de Matos e Saulo de Jesus Peres, indicam a partir do número 9 (de 2002) o ano de 1987 como sendo o de início da publicação e/ou seu registro oficial.

<sup>2</sup> Agradecemos a cessão de alguns dos volumes que constituem o *corpus* pesquisado ao professor Wilberth Salgueiro, que detém, em sua biblioteca pessoal, uma coleção completa do periódico.

Só o questionamento dessa epistemologia da coincidência e a tomada de consciência sobre a brecha existente entre o passado e sua representação, entre o que foi e o que não é mais e as construções narrativas que se propõem ocupar o lugar desse passado permitiram o desenvolvimento de uma reflexão sobre a história, entendida como uma escritura (CHARTIER, 2009, p. 12).

Essa tentativa de tomar notas para uma história da revista *Contexto* igualmente não pode ignorar as considerações de Carlo Ginzburg (2002), para quem reconhecer as dimensões retóricas da escritura da história não implica negar a condição epistêmico-metodológica de saber construído a partir de regimes de controle que têm a instituição da verdade como um horizonte, condição a partir da qual o conhecimento histórico é possível – entendendo essa instituição da “verdade como um horizonte” na condição de figuração de um caminho em que há pontos de opacidade nos quais, invariavelmente, tropeçamos (GINZBURG, 2004).

Nessas considerações iniciais, ressaltamos também nosso esforço por tomar nosso *corpus* não apenas como *fonte*, mas por instituí-lo, simultaneamente, como *objeto* de pesquisa (BATISTA, GALVÃO, 2009, p. 15). A dificuldade em acessar, ao longo do tempo, informações mais sistematizadas sobre a vida do periódico, em particular, e dos periódicos, em geral, é um dado a mais, com o qual (também) nossa pesquisa se faz – e que nos permite pensar o valor que o estudo da história dos impressos (em oposição à história dos textos – como entidades “abstratas”, supostamente desencarnadas de sua materialidade) tem no seio das comunidades de leitura em que nos movemos.

Pensar a história de um periódico especializado, no contexto atual, nos obriga a considerar, de um lado, o sensível incremento das publicações brasileiras indexadas internacionalmente<sup>3</sup> e mesmo em bases próprias<sup>4</sup> e, por outro lado, o fato de o governo federal investir relativamente pouco em fomento a publicações científicas (R\$ 10 milhões para aproximadamente 240 revistas, em 2008), em comparação com outros países que, proporcionalmente, investem até duzentas vezes mais (GOMES, 2010). A revista *Contexto*, em alguma medida, está inscrita neste cenário: avanço quantitativo e também, aparentemente, qualitativo das publicações periódicas especializadas em todo o Brasil, acompanhado este avanço por dificuldades operacionais, decorrentes de questões infraestruturais (como a ausência de uma editoria permanente, de orçamento próprio satisfatório e a aproximação com os novos sistemas eletrônicos de gestão e publicização da produção acadêmico-científica).

Depois de apresentarmos nossos pontos de partida na produção dessas notas para uma história da revista *Contexto* no período entre 1992 e 2011, fazemos, a seguir, um breve excursão por pesquisas atuais a respeito de periódicos especializados, agenciando-as – ora mais explicitamente, ora menos –, naquilo em que nos ajudam a pensar as questões que nos movem. Nos itens imediatamente se-

---

<sup>3</sup> De 2007 a 2008, a produção brasileira cresceu 56% no levantamento mundial de publicação de trabalhos em revistas científicas editado pela *Thomson Reuters*; de 2006 a 2008, o número de publicações nacionais indexadas no *Institute for Scientific Information* (ISI) quadruplicou, quando alcançou a marca de 103 revistas – o panorama de uma década atrás era outro: entre cerca de 16 mil publicações indexadas, apenas 17 eram brasileiras (GOMES, 2010).

<sup>4</sup> Como é o caso da *Scientific Library On Line – Scielo* e o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes.

guintes, apresentamos os dados e tecemos nossas considerações ou conclusões a respeito da responsabilidade institucional, da periodicidade, da identidade visual e material, da editoria e, enfim, da revisão, nos vinte primeiros números da *Contexto*.

## **2. Apontamentos sobre a história de periódicos especializados**

Conforme Maria Helena Freitas (2006), anteriormente à invenção da imprensa e a uma circulação de veículos de comunicação em massa (como jornais, boletins e revistas), o conhecimento especializado circulava por correspondências pessoais entre pesquisadores ou por comunicados enviados às agremiações científicas; a partir do século XVII, antes do surgimento e consolidação dos periódicos especializados, as informações científicas eram veiculadas principalmente em folhetins e jornais diários; essas correspondências e, depois, esse sistema de publicação em veículos de comunicação mais ampla vão originar, no século XVIII, publicações científicas, voltadas a um público mais amplo, embora específico:

Os periódicos foram, desde seus primórdios, importantes canais de publicação [...]. No século XIX, expandiram-se e especializaram-se, vindo a realizar importantes funções no mundo da ciência. Ao publicarem textos, os estudiosos *registram o conhecimento* (oficial e público), *legitimam disciplinas e campos de estudos*, *veiculam a comunicação* entre os cientistas e *propiciam ao cientista o reconhecimento público* [...] (FREITAS, 2006, p. 54, grifos nossos).

O papel dos periódicos, assim, passa a ser, também, o de constituir o que Figueirôa (2000) denomina como um “espaço institucional” de realização e comunicação das atividades acadêmico-científicas; noutras palavras, o periódico especializado funciona como uma “instância de consagração”, pois, ao atuar seletivamente (haja vista a expectativa de pareceres entre pares, de tratamento editorial, de revisão conteudística e formal e de correspondência entre sujeitos atuantes ou interessados nas áreas de destinação – por isso os endereços postos à disposição), reproduz sanções e exigências do campo científico (BOURDIEU, 1983, 1996), e, assim, hipoteticamente, “confere valor às pesquisas e as situa no seu grau de originalidade em relação ao conhecimento já acumulado em determinada área do conhecimento” – mas não apenas isso: na atualidade, outro aspecto a ser considerado é que os periódicos especializados “atuam como índices nos sistemas de julgamento que configuram as estruturas institucionais de pesquisa e, conseqüentemente, dos mecanismos decisórios de poder e distribuição de verbas” (GRUSZYNSKI, GOLIN, 2006, [s. p.]).

A esse respeito, é interessante notar que a publicação em periódico não constitui, avulsamente, um indicativo “confiável” da qualidade do trabalho e do próprio processo editorial. Com o crescente número de revistas especializadas, nas distintas áreas do conhecimento, fomentou-se a necessidade de uma espécie de avaliação entre pares do conteúdo e da adequação dos periódicos em relação ao que seriam seus propósitos: ou seja, registrar conhecimentos, legitimar disciplinas e campos, fomentar a comunicação entre estudiosos, situar o grau de originalidade dos trabalhos em relação ao conhecimento já acumulado na área específica e, enfim, propi-

ciar àqueles que neles publicam reconhecimento público (FREITAS, 2006; GRUSZYNSKI, GOLIN, 2006). Assim, instituiu-se, no Brasil, a partir da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), um sistema que ficou conhecido como Qualis<sup>5</sup> Periódicos, que atribui conceitos C (peso nulo), B5 (peso 15), B4 (peso 30), B3 (peso 40), B2 (peso 50), B1 (peso 75), A2 (peso 85) e A1 (peso 100) a periódicos nacionais e internacionais. Há uma tendência em valorizar os trabalhos (e, portanto, os pesquisadores que os assinam) publicados em revistas de melhor classificação, o que tem como desdobramento aquilo que Gruszynski e Golin (2006) apontam: impactos nas estruturas de pesquisa, nos mecanismos decisórios de poder e financiamento.

No tocante a isso, a revista *Contexto* saiu de uma situação de não-reconhecimento entre pares (não avaliação), na década de 1990, para a avaliação no segundo pior extrato (B5), até 2009; a partir de 2010 até o presente, encontra-se classificada como B2, no Qualis Periódicos da área de Letras e Linguística (WEBQUALIS, 2013), postando-se nos quatro extratos superiores – o que talvez tenha corre-

---

<sup>5</sup> O sistema Qualis não é uma unanimidade, recebendo constantes ponderações em relação aos critérios e práticas de classificação, bem como à constituição das equipes de trabalho. No entanto, é o sistema institucionalizado brasileiro com melhor aceitação e maior confiabilidade, até o momento, para uma avaliação qualitativa dos periódicos especializados. Segundo Gomes (2010), “Criado em 1988, o Qualis refere-se a um conjunto de procedimentos de coleta de dados utilizados para estratificar a qualidade da produção intelectual dos programas de pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado) e para atender as necessidades específicas do sistema de avaliação da Capes. A classificação de periódicos é feita por áreas de avaliação e atualizada anualmente. As avaliações são feitas trienalmente e os resultados são disponibilizados a partir de uma lista com a classificação dos veículos científicos utilizados pelos programas de pós-graduação para a divulgação da produção intelectual dos corpos docente e discente” (p. 155).

lação com os processos vivenciados institucionalmente de melhor classificação da instância editorial atual no âmbito da pós-graduação brasileira (o Programa de Pós-Graduação em Letras, responsável pela revista, passou, nos últimos anos, de nota 3 para nota 4 na avaliação da Capes, em uma hierarquia que vai até 7, e passou, também, a ofertar um curso de Doutorado, em vias de titular seus primeiros egressos). Outro ponto a ser notado é que o periódico migrou, em dado momento de sua história, da condição de publicação de um Departamento para um Programa de Pós-Graduação, o que talvez tenha impactos em relação ao tipo de trabalho que é, privilegiadamente, dado a público, haja vista a distinta natureza dessas instâncias.

No momento contemporâneo, experimentamos uma reconfiguração no modelo canonicamente instituído de produção e circulação de periódicos científicos (WEITZEL, 2005), processo que perpassa *questões mais objetivas*, tais como a migração do suporte impresso para o eletrônico e o barateamento e a facilitação do acesso, sinalizando mudanças na editoria, nas práticas de leitura, nas estratégias de visibilidade do conhecimento, na preservação e arquivamento de informações, na preocupação com a garantia de acesso por longo tempo, no desenvolvimento de interfaces confiáveis e na disponibilização de coleções retrospectivas (OLIVEIRA, 2006); e que perpassa *questões mais subjetivas*, como o tangenciamento constante com a cultura do impresso (no que se inclui uma valorização ainda distinta para o que é publicado em um suporte ou outro), a necessidade de repensar as bases de validação e circulação do saber, a contínua reconfiguração dos campos e comunidades acadêmico-científicos e a pertinência de cessão dos direitos autorais e da exclusividade de publicação a editores ou instituições (GRUSZYNSKI, GOLIN, 2006).

Nessa ambiência, vivenciando na própria carne a transição de modelos (pois alguns números estão disponíveis eletronicamente, outros não), a revista *Contexto* dá mostras de sua inserção no cenário acima; se Roger Chartier (1998) nos diz que a existência do texto eletrônico comporta dois extremos (de um lado, a possibilidade de misturar os papéis de autor, editor e distribuidor, o que garante certo afastamento da comunicação intelectual frente ao mundo do mercado, da empresa e do lucro; e, de outro lado, o fato de que são as mais poderosas empresas de multimídia que determinam a oferta de leitura, comunicação e informação), podemos pensar que “o futuro da revolução do texto eletrônico poderia ser [...] a encarnação do projeto das Luzes, ou então um futuro de isolamentos e solipsismos” (p. 146). Assim, talvez, uma estratégia adotada *avant la lettre* não apenas pela *Contexto*, mas também por outros periódicos da área, seja a sedução de mais leitores pela convivência de gêneros que vão além do canonicamente acadêmico-científico.

Desse modo, se, por um lado, a revista em questão se afigura como um espaço privilegiado de publicização de artigos e ensaios avaliados por pares (há conselho editorial em praticamente todos os números e consultivo a partir do quinto – o que, por hipótese, revela um cuidado e uma arbitragem para o que é dado a público), por outro, há também lugar para gêneros menos “ortodoxamente” acadêmico-científicos, como pequenos textos literários (poemas, contos), traduções, fascículos didáticos e entrevistas – e essa convivência contribui não apenas para registrar e legitimar conhecimentos, procedimentos metodológicos de produção de saber, dis-

ciplinas e campos de estudos, mas também para instituir o que se entende como pertinente ou não para colaborar nas tarefas de

[...] sedimentar o campo de investigações a respeito da produção literária e cultural do Estado do Espírito Santo [...]; preparar pesquisadores de alto nível para atuação nas áreas específicas de estudos literários; formar profissionais do magistério que atendam às necessidades do Ensino Superior; refletir sobre o processo educacional visando a seu revigoreamento, especialmente nas Escolas de Ensino Fundamental, Médio e Superior (PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, 2013, [s. p.]).

Ou seja, pode-se deduzir que a formação de docentes e pesquisadores em Letras – e, especificamente, em Literatura / Estudos Literários, que é a área de concentração do Programa que edita a revista –, a partir do que nos sinaliza o periódico em questão, se faz na dispersão de gêneros, e não na concentração daqueles imediatamente reconhecidos como acadêmico-científicos, bem como – e talvez principalmente – se faz no alargamento do escopo de leitores potenciais.

Nos itens seguintes, nos quais nos voltamos mais detidamente a cada número e volume da revista *Contexto*, tentamos nos pautar, tanto quanto possível, por aquilo que o historiador francês Roger Chartier nos propõe:

Como um efeito das práticas da editora e do trabalho de colaboração de muitos agentes, cada variante, até mesmo a mais estranha e a mais inconsistente, deve ser compreendi-

da, respeitada e possivelmente editada de modo a transmitir o texto em uma das múltiplas modalidades de sua escrita e sua leitura. O conceito de um ideal texto original, visto como uma abstrata entidade linguística presente atrás das diferentes instâncias de um trabalho, é considerado uma completa ilusão. Assim, editar um trabalho não deve significar a recuperação desse texto inexistente, mas sim tornar explícito tanto a preferência dada a uma das diversas formas registradas do trabalho quanto as escolhas concernentes à materialidade do texto, isto é, mostrar suas divisões, sua ortografia, sua pontuação, seu *layout* etc. (CHARTIER, 2002, p. 41).

### **3. Responsabilidade institucional e periodicidade e identidade visual e material da revista *Contexto***

No tocante à instância institucional responsável pela edição da revista *Contexto*, os quatro primeiros números indicam o Departamento de Línguas e Letras (DLL) da Ufes; os números 5<sup>6</sup> a 8 indicam conjuntamente o Departamento de Línguas e Letras e o Programa de Pós-Graduação em Letras; e do número 9 ao número 20 é apontado como responsável o Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da mesma instituição. Ao deixar de ser espaço institucional de realização e comunicação das atividades acadêmico-científicas de um Departamento que abarca as áreas de Línguas e de Letras – com uma dispersão bastante grande de interesses – para tornar-se mais restrita a uma área específica (tendo em vista a migração para a responsa-

---

<sup>6</sup> Na realidade, o número 5 indica, em lugar do Programa de Pós-Graduação em Letras, o Mestrado em Letras: Literatura Brasileira, como coeditor.

bilidade de um Programa de Pós-Graduação em Letras, com área de concentração em Estudos Literários), a revista possivelmente pôde qualificar seu conteúdo, inclusive tendo em vista uma melhor delimitação dos “pares” que podem efetivar a avaliação que constitui a vida de um periódico especializado.

Há distintos padrões de periodicidade: a) de início, a *Contexto* parece ser *semestral*: os números 1 e 2, publicados em um único volume impresso, são atribuídos ao 1º e ao 2º semestres de 1992, este, por sua vez, indicado como Ano II (fazendo pressupor que haveria a publicação de um número por semestre e que a revista existiria desde ano anterior<sup>7</sup> – dado inferido, pois dele não encontramos registro escrito); b) em seguida, a revista torna-se *bianual*: o número 3 é atribuído a 1994, indicado como Ano IV; o número 4 é atribuído a 1996, indicado como o Ano V; o número 5 é atribuído a 1998, indicado como Ano VI; c) na sequência, a revista torna-se *anual*: o número 6 é atribuído a 1999, indicado como ano VII, e assim sucessivamente, até os números 15 e 16 (em volume único), atribuídos a 2008 e 2009 respectivamente, indicados como anos XVI e XVII; d) por fim, a revista torna-se novamente *semestral*: o número 17 é atribuído ao primeiro semestre de 2010; o número 18, ao segundo semestre do mesmo ano; o número 19 ao primeiro semestre de 2011; e, finalmente, o número 20, ao segundo semestre de 2011.

---

<sup>7</sup> Muito possivelmente, levando-se em consideração o ano de 1987, que remete à separata localizada, mencionada na primeira nota deste trabalho.

Responsável institucional pela publicação	Nº da revista	Volume da revista	Periodicidade	Data de publicação	Ano indicado na revista	Ano na sequência de existência da revista a partir da primeira publicação <sup>a</sup>
DLL	1 e 2	1	Semestral	1992/1 e 1992/2	II	I
DLL	3	2	Bianual	1994	IV	III
DLL	4	3	Bianual	1996	V	V
DLL/PPGL	5	4	Bianual	1998	VI	VII
DLL/PPGL	6	5	Anual	1999	VII	VIII
DLL/PPGL	7	6	Anual	2000	VIII	IX
PPGL	8	7	Anual	2001	IX	X
PPGL	9	8	Anual	2002	X	XI
PPGL	10	9	Anual	2003	XI	XII
PPGL	11	10	Anual	2004	XII	XIII
PPGL	12	11	Anual	2005	XIII	XIV
PPGL	13	12	Anual	2006	XIV	XV
PPGL	14	13	Anual	2007	XV	XVI
PPGL	15 e 16	14	Anual	2008 e 2009	Não indicado	XVII e XVIII
PPGL	17	15	Semestral	2010/1	Não indicado	XIX
PPGL	18	16	Semestral	2010/2	Não indicado	XIX
PPGL	19	17	Semestral	2011/1	Não indicado	XX
PPGL	20	18	Semestral	2011/2	Não indicado	XX

**Quadro 1** – *Corpus* em relação ao responsável institucional, número, volume, periodicidade, data de publicação, ano indicado na revista e ano na sequência de existência da revista a partir da primeira publicação

Há também distintos padrões de identidade visual do periódico. Identificamos, em um primeiro olhar, pelo menos seis “padronagens”, ao longo dos vinte primeiros números, o que sinalizaria uma revista em busca de constituir para si uma identidade visual, em constante revisão/reestruturação. A primeira geração no tocante ao aspecto visual seria composta pelos números 1 a 4, volumes 1 a 3 (Figura 1):

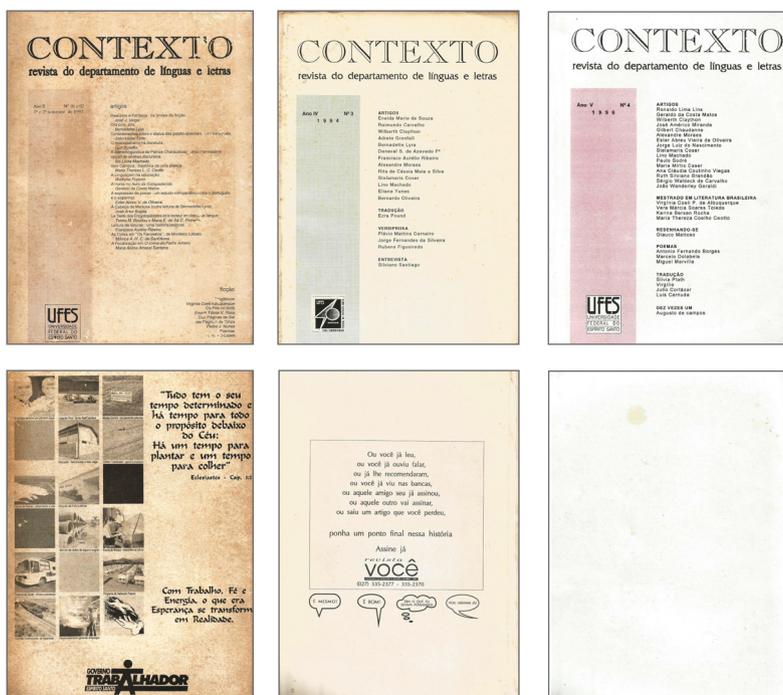


Figura 1 - Números 1 a 4, volumes 1 a 3 da revista *Contexto*

O primeiro dado em relação à materialidade que particulariza essa geração são as dimensões das publicações: 19,5 cm x 26,5 cm e 19 cm x 26 cm – depois dessa primeira geração, nenhum outro volume adotou esse mesmo tamanho. Outro dado interessante, em relação a essa primeira geração, é que os dois primeiros volumes parecem ter contado com patrocínio ou financiamento extrainstitucional, já que, na quarta-capa, trazem uma propaganda do Governo do estado do Espírito Santo, na gestão do então governador Albuíno Azeredo (volume 1, números 1 e 2), que curiosamente inclui a citação de um versículo bíblico, e uma propaganda de assinatura da revista *Você*, atualmente inativa, editada pela então Secretaria de Produção e Difusão Cultural da Universidade Federal do Espírito Santo (volume 2, número 3) – o que nos poderia indiciar certa dependência financeira do tipo de publicação com que estamos lidando de instituições nem sempre afinadas aos seus propósitos mais imediatos, haja vista seu aspecto não comercial e não autossustentável; nesse sentido, reconhecer a necessidade de financiamento público para os periódicos acadêmico-científicos, bem como a urgência de estabelecimento e manutenção de condições institucionais para produção e publicação das revistas especializadas, é um gesto não apenas político, mas de comprometimento ético (a fim de evitar que a produção e circulação de conhecimento acadêmico-científico tenha que se submeter a ser subvencionada por agentes estranhos a seu interesse primeiro, que, aderindo-se ao periódico especializado, poderiam imiscuir-se de sua credibilidade junto à comunidade leitora).

Já a *segunda geração* seria composta pelos números 5 a 8, volumes 4 a 7 (Figura 2):

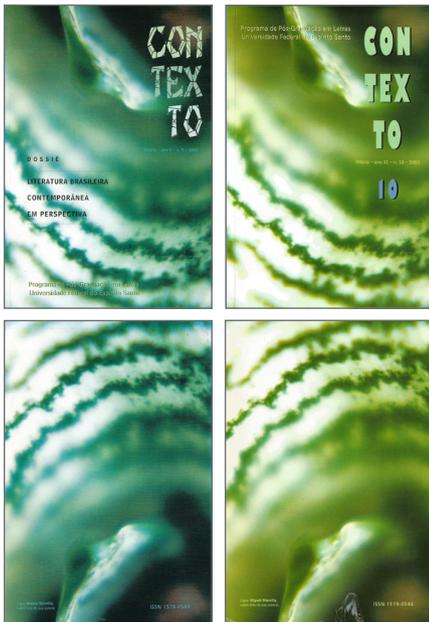


**Figura 2** – Números 5 a 8, volumes 4 a 7 da revista *Contexto*

A partir dessa segunda geração, a revista *Contexto* passou a ter a dimensão atual (aproximadamente, o tamanho de uma folha A5), com medidas em torno de 16 cm x 21,5 cm. Também a partir dos dois primeiros números dessa geração (5 e 6, volumes 4 e 5) aparecem sinais do processo de convivência com o suporte eletrônico, já que surge, pela primeira vez, a indicação escrita na página de créditos do impresso de que a revista está disponível em endereço virtual, na Internet. A esse respeito, é curioso notar que nenhum dos dois endereços indicados continua ativo, o que põe em evidência o problema que é garantir a permanência de acesso a arquivos eletrônicos desse tipo (pensados, originalmente, para o suporte impresso e só secundariamente disponibilizados virtualmente). Outro ponto de interesse, nesses volumes, é a culminância da progressiva identificação da revista à área de Letras, pois nos volumes anteriores havia

maior número de estudos da área de Linguística e nos números 5 a 8 há apenas um artigo, em cada, que foge aos domínios dos Estudos Literários. Por fim, é importante salientar que apenas a partir dessa “geração” (mais especificamente, a partir do número 7) o periódico explicita seu ISSN<sup>8</sup> (1519-0544).

A terceira geração, por sua vez, seria composta pelos números 9 e 10, volumes 8 e 9 (Figura 3):



**Figura 3** – Números 9 e 10, volumes 8 e 9 da revista *Contexto*

---

<sup>8</sup> O ISSN (International Standard Serial Number) é um identificador de publicações seriadas aceito internacionalmente. Seu uso é definido pela norma técnica ISO 3297:2007. O ISSN permite identificar o título de uma publicação seriada em circulação, futuras (pré-publicações) e encerradas, em qualquer idioma conhecido ou suporte (impresso, meio eletrônico ou magnético).

Esses números 9 e 10 são importantes, dentre outros motivos, também porque marcam a vinculação direta do periódico a sua atual instância responsável (ao menos, na capa). No entanto, os indícios de que essa passagem é ainda titubeante se dão a ver no fato de que na folha de créditos e na ficha catalográfica da publicação o Departamento de Línguas e Letras é incluído, em coparticipação com o Programa de Pós-Graduação em Letras.

Outro ponto de interesse é que nesses números, pela primeira vez, surge uma ficha catalográfica, nasce a ideia de dossiês temáticos, bem como a estruturação de duas seções, que passam a compor, até o presente, a organização do periódico a cada número: a seção “Dossiê” (com artigos em torno de um tema comum) e a seção “Clipe” (com artigos de temática variada). Para essa instituição das seções Dossiê e Clipe, encontramos na orelha do número 11 uma explicação:

Os textos reunidos na seção Dossiê buscam dar conta, nos seus limites de argumentação e de análise, precisamente do que se apontou como um desbordar dos limites, um *front* de combate que desrespeita, desloca as fronteiras, obrigando-nos a pensar, também, de modo explícito ou não, no tópico desestabilizador da alteridade [tema do Dossiê do número]. Enfeixados na seção Clipe, os demais trabalhos abraçam outros aspectos, prendem-se a diferentes pontos, de não menor importância, de pertinência garantida para o arejamento que a pluralidade de enfoque traz às questões (CONTEXTO, 2011, s. p., grifos nossos).

A constituição de um dossiê temático talvez possa ser pensada, em alguma medida, como um desdobramento daquilo que já pontuamos anteriormente: ou seja, sob nova responsabilidade institucional (na passagem de um Departamento que abarca as áreas de Línguas e Literaturas para um Programa de Pós-Graduação em Letras com área de concentração em Estudos Literários), o periódico evidencia a preocupação de inscrever-se em um espaço institucional-disciplinar imediatamente reconhecível (Letras, com concentração em Estudos Literários) e, mais ainda, a preocupação em dar a público números que atendam a segmentos específicos de interesses altamente especializados, supostamente complexificando o teor dos possíveis debates, qualificando o corpo de conhecimentos e saberes a serem partilhados (entre autores, pareceristas, leitores – todos afinados por uma temática comum). Disso é mostra inequívoca a apresentação do número 9 – que remete, também, às mudanças ocorridas no meio acadêmico e na universidade brasileira, conforme já indicado no item anterior deste texto –, assinada por seu editor, Sérgio da Fonseca Amaral:

A revista Contexto, com este número, dá início a uma nova jornada na sua já consolidada existência. Publicação anteriormente estritamente vinculada ao Departamento de Línguas e Letras, a partir de agora passa a pertencer ao Programa de Pós-Graduação em Letras. Com isso, uma alteração se fez inevitável. Antes, por expressar os vários matizes do Departamento, os artigos nela veiculados cobriam uma gama de assuntos que representavam os interesses díspares pulverizados nas áreas concentradas do corpo docente. Tal

formato representou um momento importante e indispensável na história do Departamento e a revista cumpriu até dias recentes seu papel de maneira digna e competente. *Contudo, com as mudanças ocorridas nos últimos anos no meio acadêmico e na universidade brasileira, com a consolidação do Mestrado em Estudos Literários e com a futura implantação do Mestrado em Linguística, a revista, no molde que estava, não poderia mais atender aos objetivos de um curso voltado para a pesquisa e para difundir os estudos centrados em campos específicos.* Em vista disso, houve a necessidade de atualizar o formato e de reunir os textos de modo a obedecerem a determinados padrões de divulgação da pesquisa acadêmica. Assim, a *Contexto* foi dividida em duas seções. Dossiê, que procura circunscrever um assunto escolhido pelo Conselho Editorial, e Clipe, que abre um espaço para temas não abordados pela primeira parte da revista. [...] Portanto, a partir deste número da *Contexto* o que desejamos é estimular o conhecimento e o debate literário [...] (AMARAL, 2002, p. 7-8, grifos nossos).

Mas pelo menos uma outra leitura também é possível para a constituição de dossiês e clipes: como o periódico é vinculado a um Programa de Pós-Graduação que assume como seus objetivos “preparar pesquisadores de alto nível para atuação nas áreas específicas de estudos literários”, “formar profissionais do magistério que atendam às necessidades do Ensino Superior” e “refletir sobre o processo educacional visando a seu revigoramento, especialmente nas Escolas de Ensino Fundamental, Médio e Superior” (PROGRAMA

DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, 2013, s. p.), podemos pensar que a proposição de dossiês teria como propósito atualizar docentes e discentes em relação a temáticas candentes na área de formação (Letras / Estudos Literários), bem como a proposição de clipes com temática vária daria a ver a compreensão de que a formação não se faz por uma especialização unicamente vertical, exigindo um horizonte mais amplo de conhecimentos que aqueles vinculados diretamente às pesquisas em desenvolvimento pelos docentes e discentes ou pelos estudiosos que propõem e organizam dossiês temáticos.

Se essa leitura for em alguma medida pertinente, podemos enxergar aí alguns “princípios” ou “pilares” da formação de docentes e pesquisadores em Literatura no Espírito Santo, considerando que o Programa em questão é a única instância, no estado, que forma e titula mestres e doutores em Letras e, em particular, em Estudos Literários: a necessidade de contínua atualização em relação à área de conhecimento; a necessidade de verticalização dos estudos, a partir do diálogo qualificado com pares; a necessidade de abertura a uma dispersão imprevista de temas, objetos, problemas e metodologias (comportada pela ideia do “Clipe”, que metonimicamente remete ao que se afigura como “Anexo”, “Adendo”, como complemento que necessariamente acompanha o que seria fulcral).

Consolidado, pois, esse novo momento da revista *Contexto*, temos a *quarta geração*, que seria composta pelos números 11 a 14, volumes 10 a 13 (Figura 4); a *quinta geração*, composta pelos números 15 a 18, volumes 14 a 16 (Figura 5); e a *sexta geração*, composta pelos números 19 e 20, volumes 17 e 18 (Figura 6):



Figura 4 – Números 11 a 14, volumes 10 a 13 da revista *Contexto*



Figura 5 – Números 15 a 18, volumes 14 a 16 da revista *Contexto*



Figura 6 – Números 19 e 20, volumes 17 e 18 da revista *Contexto*

Essas três últimas “gerações” em relação à capa trazem à tona um dado interessante: do ponto de vista da continuidade do *layout* da publicação, é somente a partir do número 11 que se visualiza o que seria uma espécie de “logomarca” mais estabilizada para o periódico (dado que pode ter relação direta com a própria constituição de uma identidade mais bem delineada para a própria revista *Contexto*); trata-se de um retângulo no canto superior direito, que, embora sofra mutações entre os distintos volumes, conserva o uso da mesma fonte para o nome da revista, sempre traz a informação “revista [semestral]<sup>9</sup> do Programa de Pós-Graduação em Letras” e a vinculação institucional à “Universidade Federal do Espírito Santo” (Figuras 4, 5 e 6).

<sup>9</sup> Este dado aparece a partir do número 17.

As quarta-capas dos diferentes volumes também nos ofertam informações e dados dignos de nota: a) nos dois primeiros volumes (números 1 a 3), a quarta-capa é ocupada por propagandas (do governo estadual e da revista *Você*); b) os volumes 3 a 7 (números 4 a 8) têm quarta-capa praticamente lisa: nada nos volumes 3 e 4; logomarca da Ufes e do Centro de Estudos Gerais no volume 5; e logomarca da Ufes, logomarca do Centro de Ciências Humanas e número do ISSN nos volumes 6 e 7; c) a quarta-capa é uma reprodução de detalhe de foto da autoria de Miguel Marvilla nos volumes 8 e 9 (números 9 e 10), acompanhada pelo crédito da imagem e pelo número do ISSN; d) na quarta-capa dos volumes 10 a 16 (números 11 a 18) temos os nomes das seções da revista e dos autores dos textos que cada seção contém; e, enfim, e) na quarta-capa dos volumes 17 e 18 (números 19 e 20), há os nomes e títulos das seções da revista e dos autores dos textos que cada seção contém, acrescidos das filiações institucionais.

Esse percurso das quartas-capas talvez seja mais um indício para a história da revista, que se constitui como um caminho de legitimação entre os pares e de aproximação às orientações das instâncias reguladoras e regulamentadoras da pesquisa e pós-graduação brasileira: o espaço da revista torna-se mais “nobre” – daí porque a necessidade de não ceder a quarta-capa a outrem ou deixá-la “vazia”, ou seja, a necessidade de dar ao leitor, a partir dela, informações mais detalhadas do que as que a capa pode fornecer, e informações que qualifiquem o periódico, ou seja, o que está sob capa e quarta-capa. Por exemplo, como, na atualidade, avalia-se positivamente a diversidade de filiações institucionais dos autores dos textos que compõem um número de periódico, esse dado, a partir das edições

mais recentes, passou a estar evidenciado desde a exterioridade da revista, contribuindo, supostamente, para despertar no leitor o imediato interesse e alguma aprovação.

No tocante ao tipo de papel usado para a capa e quarta-capa, também notamos um início e continuidade do uso de papel cartão de qualidade superior (de distintas gramaturas) a partir do número 11 (em comparação aos números 1 a 10, volumes 1 a 9), bem como a inclusão de orelhas, até então inexistentes, o que talvez sinalize um período de financiamento mais estável ou até mais “generoso” para o periódico – que curiosamente coincide com o ano de 2004, em que o governo federal inicia um processo de recuperação das Universidades públicas sob sua responsabilidade em todo o país (e isso só talvez reforce a percepção de que a História se inscreve e é inscrita nos periódicos também a partir de dados da constituição material das publicações).

Também merece atenção: a) o fato de a revista, do número 11 ao 16, continuar trazendo na folha com os dados da publicação e na ficha catalográfica uma vinculação ao Departamento de Línguas e Letras (embora o rompimento com essa instância institucional já estivesse explicitada desde o número 9); b) o fato de essa vinculação sair da folha com os dados da publicação e se manter na ficha catalográfica dos números 17 e 18; e, enfim, c) o fato de apenas nos números 19 e 20 essa vinculação ter sido retirada tanto da folha com os dados da publicação quanto da ficha catalográfica da publicação. Isso talvez nos permita pensar o quanto o Programa de Pós-Graduação em Letras se vê (ou se via, até então, já que os números 19 e 20 indiciam outra realidade) como diretamente articulado ao Departamento que congrega historicamente o maior número de professores que o compõem.

Há outra informação interessante e que contribui para a compreensão da trajetória da publicação: desde que o periódico passa a trazer uma ficha catalográfica na qual há indicação de editora responsável (ou seja, desde o número 9, volume 8), sempre a editora era “Ufes / PPGL – MEL” – embora na Biblioteca Nacional a editora do PPGL não esteja registrada exatamente com este nome<sup>10</sup>; a partir do número 17, volume 15 (curiosamente, quando o periódico se torna semestral), a editora responsável para a ser a Edufes. Isso, por si só, não nos permite grandes ilações; no entanto, em cotejo com os outros dados sobre a história da publicação já apresentados até aqui, talvez possamos identificar na passagem dessa editora não profissional (PPGL – MEL) para outra, com melhor infraestrutura de trabalho (Edufes), um traço da existência do próprio periódico, ou seja, sua tentativa de qualificação não apenas conteudística, mas material, editorial e mesmo simbólica.

Como tentativa de síntese para dados relativos à identidade visual e material da revista *Contexto*, que vão além daqueles já abordados em parágrafos anteriores, apresentamos o quadro a seguir:

---

<sup>10</sup> Na página da Agência Brasileira do ISBN, ligada à Biblioteca Nacional, a editora do PPGL da Ufes está registrada com o código 999345 e com o nome “PPGL – MEL – Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado em Estudos Literários”.

Volume / Número	Padronagem	Fonte principal <sup>b</sup>	Papel da capa e miolo	Encadernação	Nº de páginas
1 / 1 e 2	19,5 x 26,5 cm	(Times New Roman)	Não informado	Grampeada	133
2 / 3	19,5 x 26,5 cm	(Times New Roman)	Não informado	Colada	122
3 / 4	19 x 26 cm	(Times New Roman)	Não informado <sup>c</sup>	Colada	215
4 / 5	16 x 21,5 cm	(Times New Roman)	Não informado	Colada	284
5 / 6	16 x 21,5 cm	(Times New Roman)	Não informado	Colada	176
6 / 7	16 x 21,5 cm	(Times New Roman)	Não informado	Colada	183
7 / 8	16 x 21,5 cm	(Garamond)	Não informado	Colada	219
8 / 9	15,8 x 23 cm	(Garamond)	Não informado	Colada	217
9 / 10	15,8 x 23 cm	(Garamond)	Não informado	Colada	224
10 / 11	16 x 22 cm	(Times New Roman)	Não informado	Colada	224
11 / 12	15,8 x 23 cm	(Times New Roman)	Não informado	Colada	267
12 / 13	15,5 x 21,5 cm	(Times New Roman)	Não informado	Colada	311
13 / 14	15,8 x 23 cm	(Bookman Old Style)	Não informado	Colada	289
14 / 15 e 16	14,5 x 21,5 cm	(Garamond)	Não informado	Colada	375
15 / 17	14,3 x 21,8 cm	(Calibri)	Não informado	Colada	299
16 / 18	15 x 21,5 cm	(Calibri)	Não informado	Colada	263
17 / 19	14,5 x 21 cm	(Calibri)	Não informado	Colada	514
18 / 20	14,5 x 21 cm	(Calibri)	Não informado	Colada	466
Nº médio de páginas por volume (18):					253,16
Nº médio de páginas por número (20):					227,85

**Quadro 2** – *Corpus* em relação ao volume e número, padronagem, fonte principal, papel da capa e do miolo, tipo de encadernação e número de páginas

No tocante à existência objetual dos volumes impressos da revista *Contexto*, salta aos olhos a ausência de dados sobre papel (tipo, cor, gramatura), fontes<sup>11</sup>, qualidade e sistema de impressão e mesmo,

<sup>11</sup> Parece-nos que um estudo da semioticidade das fontes escolhidas para a publicação renderia uma interessante contribuição à compreensão da constituição da identidade do periódico.

frequentemente, sobre a oficina tipográfica – preocupação, talvez, a ser incluída em um futuro breve. A oscilação da padronagem esconde a constância de uma dimensão aproximada: em torno de 16 cm de largura por 21,5 cm de altura. O uso mais recorrente das fontes Times New Roman, Garamond e Calibri possivelmente seja afinado a uma publicação que aparentemente deseja constituir sua identidade visual afinada às ideias de legibilidade, seriedade e institucionalização (já que se trata de fontes comumente utilizadas em documentos oficiais e mesmo no mundo acadêmico-científico).

O número médio de páginas por volume em comparação ao número de páginas de cada volume sinaliza um crescendo do número e tamanho de textos publicados pelo periódico a partir de seu número 11, volume 10: daí em diante, não há nenhum volume com número menor de páginas que a média (253,16) – o que pode, por vias indiretas, ser tomado como um índice a mais da constituição e consolidação do que chamamos, acima, de “profissionalização” da revista e sua progressiva inserção na área (Letras / Estudos Literários), tornando-se, assim, um veículo de publicação que interessa a um maior número de especialistas e, portanto, de autores.

#### **4. Editoria, revisão, diagramação, editoração, catalogação e normas de publicação da revista *Contexto***

Entendemos que o trabalho de editores, revisores, diagramadores, editoradores e de bibliotecários responsáveis pela indexação e catalogação – enfim, de todos esses agentes – é decisivo na configuração da identidade, do conteúdo e da materialidade de um impresso; por isso, na constituição de notas para uma história da revista *Contexto*, esses diferentes co-partícipes da produção do periódico

não poderiam ser deixados de lado, haja vista o entendimento de que a feitura de cada número ou volume

[...] é um processo que implica, além do gesto da escrita, diversos momentos, técnicas e intervenções, como as dos copistas, dos livreiros editores, dos mestres impressores, dos compositores e revisores. As transações entre as obras e o mundo social não consistem unicamente na apropriação estética e simbólica de objetos comuns, de linguagens e práticas ritualizadas ou cotidianas [...]. Elas concernem mais fundamentalmente às relações múltiplas, móveis e instáveis, estabelecidas entre o texto e suas materialidades, entre a obra e suas inscrições (CHARTIER, 2007, p. 12).

Frente a essa advertência, apresentamos a seguir uma síntese de alguns dados relativos aos volumes e números do periódico, no tocante a editores, revisores, *designers* de publicação, bibliotecários responsáveis pela ficha catalográfica e a presença ou ausência de normas para a submissão de originais.

V. / N.	Editor(es)	Revisor(es)	Diagramador(es) / Editorador(es)	Responsável pela Ficha Catalográfica	Presença de normas para submissão de originais
1 / 1 e 2	Não há	Francisco A. Ribeiro Geraldo Matos Luiz Busatto M. <sup>a</sup> Elizabeth Cunha Maria Mirtis Caser Maria Thereza Ceotto Reinaldo S. Neves Shirley Saliba Walkyria Puppim	André Rezende Paulo Roberto Sodré	Não há ficha catalográfica	Não
2 / 3	Adrete Grenfell Elizabeth Rodrigues dos Santos Lino Machado Luiz Alberto N. Alves Raimundo Carvalho Sérgio da F. Amaral Wilberth Salgueiro	Não há	João Carlos Simonetti Jr.	Não há ficha catalográfica	Não
3 / 4	Adrete Grenfell Alexandre Moraes Lino Machado Luiz Alberto N. Alves Raimundo Carvalho Sérgio da F. Amaral Wilberth Salgueiro	Não há	João Carlos Simonetti Jr.	Não há ficha catalográfica	Não
4 / 5	Não há	Não há	Edson Maltez Heringer Orlando Lopes	Não há ficha catalográfica	Sim
5 / 6	Não há	Cláudia Mara Bravin	Arte Visual	Não há ficha catalográfica	Não
6 / 7	Não há	Não há	Arte Visual	Não há ficha catalográfica	Não
7 / 8	Não há	Não há	Maria Clara Medeiros S. Neves	Não há ficha catalográfica	Não
8 / 9	Sérgio da Fonseca Amaral	Hilda Olímpio M. <sup>a</sup> Elizabeth Cunha	André Demarchi Flávio Felipe de Castro Leal	Não há ficha catalográfica Ana Maria de Matos (CRB 12/ES – 425)	Não

9 / 10	Alexandre Moraes	"Responsabilidade dos autores"	Miguel Marvilla	Ana Maria de Matos (CRB 12/ES – 425)	Não
10 / 11	Lino Machado Marcelo Paiva de Souza Wilberth Salgueiro	"Revisão: os autores"	Adolfo Oleare	Ana Maria de Matos (CRB 12/ES – 425)	Não
11 / 12	Paulo Roberto Sodré Raimundo Carvalho Reinaldo S. Neves	"Revisão: os autores"	Adolfo Oleare Denise Pimenta	Ana Maria de Matos (CRB 12/ES – 425)	Não
12 / 13	Alexandre J. M. Moraes Luís Eustáquio Soares Paulo Marcello Spedicatto	"Revisão: os autores"	Adolfo Oleare Denise Pimenta Vinícius Caldeira Adversari	Ana Maria de Matos (CRB 12/ES – 425)	Não
13 / 14	Jorge Luiz do Nascimento Sérgio da F. Amaral	"Revisão: os autores"	Adolfo Oleare Denise Pimenta Flávia Peçanha Gráfrica Aquarius	Ana Maria de Matos (CRB 12/ES – 425)	Não
14 / 15 e 16	Marcelo Paiva Raimundo Carvalho Wilberth Salgueiro	"Revisão: os autores"	Denise Pimenta	Não há responsável pela ficha catalográfica	Sim
15 / 17	Deneval S. de Azevedo Filho Ester Abreu V. de Oliveira Júlia Almeida	Maria Amélia Dalvi	Denise Pimenta	Saulo de Jesus Peres (CRB 12/676)	Sim
16 / 18	Deneval S. de Azevedo Filho Ester Abreu V. de Oliveira Júlia Almeida	Maria Amélia Dalvi	Denise Pimenta	Saulo de Jesus Peres (CRB 12/676)	Sim
17 / 19	Alexandre Moraes Jorge Nascimento Wilberth Salgueiro	"Revisão: os autores"	Raphaela Denin	Saulo de Jesus Peres (CRB 12/676)	Sim
18 / 20	Alexandre Moraes Jorge Nascimento Wilberth Salgueiro	"Revisão: os autores"	Raphaela Denin	Saulo de Jesus Peres (CRB 12/676)	Sim

**Quadro 3** – Corpus em relação a volumes e números, editores, revisores, diagramadores e editores, responsáveis pela ficha catalográfica e presença/ausência de normas para submissão de originais

Em consonância com o que vínhamos afirmando no item anterior, pelos dados é possível aventar algumas leituras que deem conta do processo de delineamento e constituição de uma identidade mais bem configurada para o periódico, e mais afinada às exigências contemporâneas de profissionalização de sua gestão e publicação.

O primeiro indício disso talvez seja o fato: a) de os números 3 e 4 (volumes 2 e 3), de 1994 e 1996, trazerem como editores equipes compostas por sete membros cada uma – possivelmente confundindo a figura do editor-chefe com a do conselho editorial da publicação; b) de os números 1 e 2 (volume 1) e 5 a 8 (volumes 4 a 7) não terem qualquer editor responsável indicado; c) de os números 9 e 10 (volumes 8 e 9) indicarem como editor uma única pessoa; e d) de os números 11 a 20 (volumes 10 a 18) indicarem sempre uma dupla (número 14, volume 13) ou um trio de editores responsáveis pela publicação. Aparentemente, o periódico sai de uma situação em que não tem clareza e/ou não reconhece a importância da existência (ou pelo menos da explicitação da existência) da figura de um editor responsável, rumo ao reconhecimento da importância do trabalho editorial – o que poderia ser lido, também, negativamente, como a passagem de um trabalho coletivo para um mais individualizado.

Ainda no tocante a editoria, talvez seja importante considerar um movimento aparentemente paradoxal de continuidade e descontinuidade desse trabalho no periódico. Se, por um lado, nos volumes 2 e 3 (números 3 e 4) e a partir do volume 8 (número 9), temos diferentes editor(es) responsável(is), por outro lado, podemos perceber certa permanência no quadro geral de editoria da revista, com alguns nomes se repetindo com relativa frequência:

Editor	Ocorrências	Números e volumes como editor	Ocorrências excetuados os v. 2 e 3
Adrete Grenfell	2	(v. 2, n. 3) / (v. 3, n. 4)	—
Alexandre J. Marinho Moraes	5	(v. 3, n. 4) / v. 9, n; 10 / v. 12, n. 13 / v. 17, n. 19 / v. 18, n. 20	4
Deneval S. de Azevedo Filho	2	v. 15, n. 17 / v. 16, n. 18	2
Elizabeth R. dos Santos	1	(v. 2, n. 3)	—
Ester Abreu Vieira de Oliveira	2	v. 15, n. 17 / v. 16, n. 18	2
Jorge Luiz do Nascimento	3	v. 13, n. 14 / v. 17, n. 19 / v. 18, n. 20	3
Júlia Almeida	2	v. 15, n. 17 / v. 16, n. 18	2
Lino Machado	3	(v. 2, n. 3) / (v. 3, n. 4) / v. 10, n. 11	1
Luís Eustáquio Soares	1	v. 12, n. 13	1
Luiz Alberto Nogueira Alves	2	(v. 2, n. 3) / (v. 3, n. 4)	—
Marcelo Paiva de Souza	1	v. 14, n. 15 e 16	1
Paolo Marcello Spedicato	1	v. 12, n. 13	1
Paulo Roberto Sodré	1	v. 11, n. 12	1
Raimundo Carvalho	4	(v. 2, n. 3) / (v. 3, n. 4) / v. 11, n. 12 / v. 14, n. 15 e 16	2
Reinaldo Santos Neves	1	v. 11, n. 12	1
Sérgio da Fonseca Amaral	4	(v. 2, n. 3) / (v. 3, n. 4) / v. 8, n. 9 / v. 13, n. 14	2
Wilberth Salgueiro	6	(v. 2, n. 3) / (v. 3, n. 4) / v. 10, n. 11 / v. 14, n. 15 e 16 / v. 17, n. 19 / v. 18, n. 20	4
18 / 20	14,5 x 21 cm	(Calibri)	Não informado

**Quadro 4** – Editores da revista *Contexto* por ocorrência e por números e volumes como editor

Uma segunda observação necessária talvez diga respeito ao fato de cinco volumes não terem feito qualquer menção ao trabalho de revisão; de oito volumes terem atribuído o trabalho de revisão aos próprios autores dos textos; e, enfim, de apenas cinco dos dezoito volumes da publicação aqui tomados como *corpus* indicarem no-

mes de profissionais que teriam realizado o trabalho de revisar o periódico. Isso nos possibilita a proposição de algumas considerações.

Uma primeira, mais óbvia, talvez seja a confirmação – ainda mais uma vez – da precariedade de condições em que os periódicos, no Brasil, são gestados: na maioria dos casos, não há verbas para a contratação de profissionais especializados, como é o caso dos revisores. Uma segunda ponderação possível talvez seja a ausência de priorização do trabalho de revisão, mesmo porque, como se trata de um periódico planejado, escrito, produzido e lido por profissionais da área de Linguagem, pode-se ter como pressuposto – certamente equivocado – que todos são, por formação, (também) revisores: o que denuncia o quanto a área de revisão, como saber especializado, carece de compreensão e legitimidade, ainda que no âmbito dos cursos de graduação e nos programas de pós-graduação concernentes a Letras e Linguística.

Uma terceira ponderação quanto à revisão, essa mais arriscada, é que, ao afirmar que a responsabilidade pela revisão é dos autores, temos implícito aí um *parti-pris*: o de que todo trabalho acadêmico-científico ao ser submetido a um periódico, para avaliação, deve ter sido, anteriormente, revisado – o que, se parece óbvio (inclusive, muitos periódicos, ao solicitarem pareceres, incluem como item de avaliação a qualidade da apresentação e correção linguístico-formal do texto), contudo, tem como resultado desobrigar a revista de responder pelo estado e estatuto do texto impresso que veicula, dando a ver, indiretamente, uma perpetuação da crença na separabilidade de forma e conteúdo, de abstração (ideal, subjetiva) e materialidade.

No que diz respeito a editores e diagramadores da revista ao longo da história de sua publicação, fica evidente que somente a

partir do volume 10 (número 11), no qual já apontamos uma espécie de “virada” na vida do periódico, passa a haver relativa estabilidade no tocante aos agentes responsáveis por esse trabalho técnico, sobressaindo-se os nomes de Adolfo Oleare e Denise Pimenta, como *designers* editoriais mais recorrentes.

Ausente até o nono número da publicação, a ficha catalográfica passa a ser produzida a partir do volume 8 (número 9) – exceção para o v. 13, n. 15 e 16, em relação ao qual não há dados atinentes ao responsável pela ficha – por bibliotecário registrado junto ao CRB, o que também dá mostras do processo de profissionalização e preocupação com a indexação da revista, e contribui para efetivamente marcar o novo momento anunciado pelo editor (AMARAL, 2002) e confirmado pelas publicações seguintes, no qual a possibilidade de reconhecimento pelos pares figura no horizonte. Também a presença de normas para submissão de originais apenas do v. 14, n. 15 e 16 em diante (justa exceção ao v. 4, n. 5), na publicação, pode sinalizar o processo de efetiva abertura do periódico às contribuições, leituras e submissões da comunidade científica não-local, coincidindo com sua melhor avaliação (p. ex., constatada na migração do extrato B5 para o extrato B2, no sistema Qualis – mesmo com os senões já pontuados anteriormente).

Tudo isso vem compor um quadro de atravessamentos, a partir de questões *locais* (consolidação do Programa de Pós-Graduação e sua desvinculação direta do Departamento que abriga o maior número de professores que historicamente o constituem; constituição de uma identidade visual e simbólica para o periódico, visível e imediatamente reconhecível como inscrita na área de Letras, com concentração em Literatura/Estudos Literários; migração para uma

editora com infraestrutura profissional; reconhecimento e legitimação do trabalho de catalogação e indexação da revista *Contexto*, a partir do trabalho de bibliotecários devidamente registrados; relativa estabilização da editoria e do *design* editorial) e a partir de questões *nacionais* (ampliação e qualificação da produção e publicação acadêmico-científica brasileira no mundo, ausência de uma política estável de financiamento, controle sobre as pós-graduações com uma demanda por quantificação e qualificação da produção dos professores e pesquisadores atuantes em todas as áreas do conhecimento).

Estas notas nos permitem, na continuidade da pesquisa (Parte 2), ter como norte, daqui por diante, dados relativos aos conselhos editoriais e consultivos, aos gêneros, temas e autores de cada um dos números e volumes dados a lume entre 1992 e 2011, tendo em vista contribuir com a incipiente história do livro, da leitura e da literatura no estado do Espírito Santo, entendendo-se a relevância do objeto em pauta para a área de Letras e, em particular, para a constituição da formação de docentes pesquisadores em Literatura/Estudos Literários no espaço-tempo em que o periódico em foco se institui.

## Referências

AMARAL, Sérgio da Fonseca. Apresentação. *Contexto*: revista do Programa de Pós-Graduação em Letras, Vitória, v. 8, n. 9, 2002.

BATISTA, Antônio A. G.; GALVÃO, Ana Maria de O. *Livros escolares de leitura no Brasil*: elementos para uma história. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (Org.) *Pierre Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1983.

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas*. Campinas: Papirus, 1996.

BUSATTO, Luiz. Literatura de massa. *Contexto*, Vitória, n. 1, p. 1-23, maio 1987.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: Unesp, 1998.

CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CHARTIER, Roger. *Inscriver e apagar: cultura escrita e literatura*. São Paulo: Unesp, 2007.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Unesp, 2002.

CONTEXTO: revista do Departamento de Línguas e Letras e do Mestrado em Letras, Vitória, v. 4, n. 5, 1998.

CONTEXTO: revista do Departamento de Línguas e Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras, Vitória, v. 7, n. 8, 2001.

CONTEXTO: revista do Departamento de Línguas e Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras, Vitória, v. 6, n. 7, 2000.

CONTEXTO: revista do Departamento de Línguas e Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras, Vitória, v. 5, n. 6, 1999.

CONTEXTO: revista do Departamento de Línguas e Letras, Vitória, v. 3, n. 4, 1996.

CONTEXTO: revista do Departamento de Línguas e Letras, Vitória, v. 2, n. 3, 1994.

CONTEXTO: revista do Departamento de Línguas e Letras, Vitória, v. 1, n. 1-2, jan.-jun. 1992, jul.-dez. 1992.

CONTEXTO: revista do Programa de Pós-Graduação em Letras, Vitória, v. 18, n. 20, jul.-dez. 2011.

CONTEXTO: revista do Programa de Pós-Graduação em Letras, Vitória, v. 17, n. 19, jan.-jun. 2011.

CONTEXTO: revista do Programa de Pós-Graduação em Letras, Vitória, v. 16, n. 18, jul.-dez. 2010.

CONTEXTO: revista do Programa de Pós-Graduação em Letras, Vitória, v. 15, n. 17, jan.-jun. 2010.

CONTEXTO: revista do Programa de Pós-Graduação em Letras, Vitória, v. 14, n. 15-16, 2008-2009.

CONTEXTO: revista do Programa de Pós-Graduação em Letras, Vitória, v. 13, n. 14, 2007.

CONTEXTO: revista do Programa de Pós-Graduação em Letras, Vitória, v. 12, n. 13, 2006.

CONTEXTO: revista do Programa de Pós-Graduação em Letras, Vitória, v. 11, n. 12, 2005.

CONTEXTO: revista do Programa de Pós-Graduação em Letras, Vitória, v. 10, n. 11, 2004.

CONTEXTO: revista do Programa de Pós-Graduação em Letras, Vitória, v. 9, n. 10, 2003.

CONTEXTO: revista do Programa de Pós-Graduação em Letras, Vitória, v. 8, n. 9, 2002.

FIGUEIRÔA, Sílvia F. M. *Um olhar sobre o passado: história das ciências na América Latina*. Campinas: Unicamp, 2000.

FREITAS, Maria Helena. Considerações acerca dos primeiros periódicos científicos brasileiros. *Ciências da Informação*, Brasília, v. 35, n. 3, p. 54-66, set.-dez. 2006. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ci/v35n3/v35n3a06.pdf> >. Acesso em: 2 fev. 2013.

GINZBURG, Carlo. *Nenhuma ilha é uma ilha: quatro visões da literatura inglesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GINZBURG, Carlo. *Relações de força: história, retórica, prova*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GOMES, Valdir Pereira. O editor de revista científica: desafios da prática e da formação. *Informação & Informação*, Londrina, v. 15, n. 1, p. 147-172, jul.-jun. 2010. Disponível em: < [www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/download/5579/5897](http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/download/5579/5897) >. Acesso em: 05 fev. 2013.

GRUSZYNSKI, Ana Cláudia; GOLIN, Cida. Periódicos científicos: transição dos suportes impresso para o eletrônico. *Razon y Palabra: revista electrónica en America Latina especializada en comunicación*, México, n. 52, artigo 15, ago.-set. 2006. Disponível em: < <http://www.razonypalabra.org.mx/antiores/n52/alaic.html> >. Acesso em: 11 fev. 2013.

OLIVEIRA, Érica B. P. M. de. *Uso de periódicos científicos eletrônicos por docentes e pós-graduandos...* 2006. 139 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

PROGRAMA de Pós-graduação em Letras. O Programa de Pós-Graduação em Letras: objetivos. Disponível em: < <http://www.literatura.ufes.br/ppgl> >. Acesso em: 10 fev. 2013.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2007.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. São Paulo: Papyrus, 1994.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. 4. ed. Brasília: UnB, 1998.

WEBQUALIS. Sistema integrado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior: avaliação de periódicos por área do conhecimento. Disponível em: < <http://qualis.capes.gov.br/webqualis/> >. Acesso em: 10 fev. 2013.

WEITZEL, Simone R. Revendo critérios referentes à revista eletrônica. In: FERREIRA, Sueli M. S. P.; TARGINO, Maria das Graças. *Preparação de revistas científicas – teoria e prática*. São Paulo: Reichmann & Autores, 2005. p. 161-193.

WHITE, Hayden. *Meta-história: a imaginação histórica do séc. XIX*. São Paulo: Edusp, 2008.